

<p><b>FAHIMTB</b></p>  <p>ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL</p> <p>AHIMTB/RS</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p><b>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)</b></p>		
<p><b>520 ANOS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA</b></p>		
<p><b>ANO 2012</b></p>	<p><b>JULHO</b></p>	<p><b>Nº 23</b></p>

## CANUDOS – A GUERRA MULTIFACETADA – O HOMEM

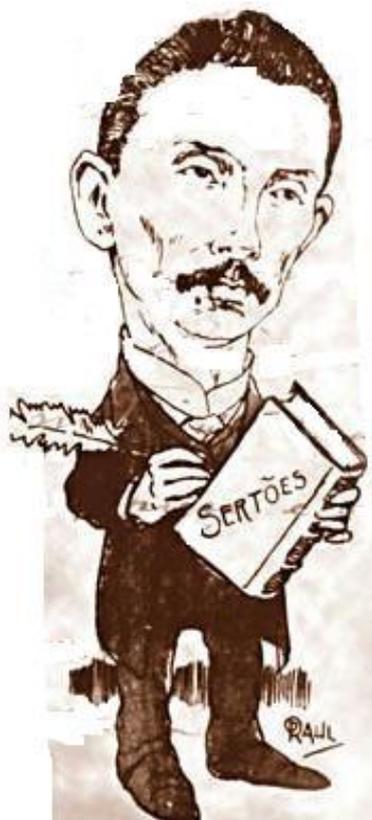
Luiz Ernani Caminha Giorgis(\*)

### 1. INTRODUÇÃO

Um dos clássicos da literatura brasileira é a obra “Os Sertões”, do autor Euclides Rodrigues da Cunha, na qual este narra a célebre Campanha de Canudos, nor-nordeste da Bahia, final do século XIX.

Além de escritor, Euclides da Cunha (1866-1909) foi militar, sociólogo, repórter jornalístico, historiador, geógrafo, poeta e engenheiro brasileiro.

Foi cadete na Escola Militar da Praia Vermelha, onde recebeu a influência do Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos próceres da doutrina positivista de Augusto Comte no Brasil. Neste contexto, Euclides era republicano extremado.



Ao lado, a caricatura de Euclides da Cunha por Raul Pederneiras (1903)

Em 1888 foi desligado do Exército por insubordinação<sup>1</sup>, sendo reintegrado<sup>2</sup> após a proclamação da República, retornando à Escola Militar da Praia Vermelha. Permaneceu na Força Terrestre por mais dois anos e desligou-se, permanecendo porém nas lides militares como professor-coadjuvante na Escola Militar.

A inserção de Cunha no contexto da Guerra de Canudos foi como jornalista. Em 1897, escreveu dois artigos (A nossa Vendéia) sobre o conflito, chamando a atenção do jornal O Estado de São Paulo. Este convidou-o para deslocar-se para Canudos e testemunhar o fim da campanha, onde chegou a 01 de outubro de 1897. Reuniu ele então, no local, material para elaboração de sua obra clássica, o que foi realizado em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo. O livro, escrito entre 1896 e 1902, valeu-lhe uma cadeira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), posto que aponta “à nação [...] a vida da gente humilde e abandonada dos sertões, esquecida pelos governos” (BARSA, 1977, v. 5, p. 51).

Como foi publicada antes da Semana de Arte Moderna de 1922, o autor é pré-modernista, possui características de ruptura com o passado, regionalismo, denúncia da realidade brasileira, amostragem de aspectos do interior brasileiro desconhecidos pelas grandes cidades e pelos governos, e ligação com fatos político-sociais da época (contemporaneidade) a obra, por óbvio, é pré-modernista.

Revela o contraste cultural entre o sertão e o litoral, criticando o nacionalismo dos litorâneos, que não tomavam conhecimento da realidade das gentes interioranas, marcada por séculos de atraso e miséria, em uma região separada geográfica e temporalmente do resto do país.

Conforme o site [www.passeiweb.com](http://www.passeiweb.com), na Análise de ‘Os Sertões’, a população litorânea “cometeu um crime contra si própria”. E ainda, que este panorama produziu “um líder fanático” e, sob sua influência, “o delírio coletivo de uma população conformada”.

O livro Os Sertões, publicado em 1902, contém três partes (capítulos): A Terra, O Homem, e A Luta.

Na segunda parte do livro - **O Homem** - Euclides descreve as origens de Canudos, estudando a gênese do jagunço<sup>3</sup>, que é o sertanejo armado e, principalmente, a do líder Antonio Conselheiro. Aborda as etnias do índio, português e negro e de sub-etnias, as quais refere como “mestiços”. Procura caracterizar

---

<sup>1</sup> Conforme CARVALHO, José Murilo. **Fardas e Farpas**, na Revista de História da Biblioteca Nacional (01/08/2009), acessível em [www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/fardas-e-farpas](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/fardas-e-farpas): “Segundo versão do próprio Euclides, transmitida oralmente a amigos, ele atirou ao chão a arma em protesto contra os colegas que apresentaram armas ao ministro e não deram, de acordo com o que tinham combinado, um viva à República. “Infames!”, gritou ele na ocasião. “A mocidade livre cortejando um ministro da Monarquia!” O episódio repercutiu na imprensa e nas duas casas do Parlamento, e provocou a exclusão de Euclides do Exército, por incapacidade física, em 14 de dezembro desse ano. Após a proclamação da República, ele foi logo readmitido, mas seu nome ficara marcado na política pelo republicanismo; no Exército, pela rebeldia”.

<sup>2</sup> Existem versões dando conta de que Euclides da Cunha teria sido “reintegrado como herói”. Além disso não existir no Exército Brasileiro, Euclides não praticou nenhum ato que justificasse tal afirmação.

<sup>3</sup> Corruptela de ‘zarguncho’ ou ‘zaguncho’, palavra portuguesa de origem africana. Era uma arma usada pelos guerreiros negros da Cafraria (África). O termo passou a ser aplicado aos que usavam a arma (ROCHA ALMEIDA, 1959, p. 540).

também o sertanejo como encarnação de força e valentia. Expõe ainda a genealogia do anacoreta Antônio Conselheiro, suas pregações e a fixação dos sertanejos no arraial de Canudos.

Este texto tem por objetivo, e como “fio-condutor”, provocar o debate, através da obra de Euclides da Cunha, em relação aos intérpretes do Brasil, a identidade nacional e a cultura brasileira.

O capítulo “O Homem”, é o tema principal deste trabalho.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Índice do capítulo “O Homem” na obra ‘Os sertões’**

1) Complexidade do problema etnológico no Brasil - Variabilidade do meio físico e sua reflexão na História – Ação do meio na fase inicial da formação das raças - A formação brasileira no norte - Os primeiros povoadores - A gênese do mulato - Os “serenos”.

2) Gênese dos jagunços; Colaterais prováveis dos paulistas - Função histórica do Rio São Francisco - O vaqueiro, mediador entre o Bandeirante e o padre - Fundações jesuíticas na Bahia - Um parêntesis irritante - Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos no litoral - Uma raça forte.

3) O sertanejo - tipos díspares: o jagunço e o gaúcho - Os vaqueiros - Servidão inconsciente; Vida primitiva - A vaquejada e a arribada - Tradições - A seca – Insulamento no deserto – Religião mestiça, seus fatores históricos - Caráter variável da religiosidade sertaneja: A “Pedra Bonita” e Monte Santo - As Missões atuais.

4) Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo - Um gnóstico bronco - Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu - Antecedentes de família: os Maciéis - Uma vida bem auspiciada - Primeiros reveses; e a queda - Como se faz um monstro - Peregrinações e martírios - Lendas - As prédicas - Preceitos de Montanista - Profecias - Um heresiarca do século 2 em plena idade moderna - Tentativa de reação legal - Hégira para o sertão.

5) Canudos: antecedentes - Aspecto original e crescimento vertiginoso - Regimen da “Urbs” - Polícia de bandidos - População multiforme - O templo - Estrada para o céu - As rezas - Agrupamentos bizarros - Por que não pregar contra a república? - Uma missão abortada- Maldição sobre a Jerusalém de taipa.

A transcrição do índice do capítulo 2º do livro Os Sertões procura mostrar ao leitor a orientação e o plano de trabalho que Euclides da Cunha imprime ao capítulo. Basta observar as questões de etnia, meio físico, formação brasileira no norte, o rio São Francisco, o vaqueiro, comparação com o gaúcho, etc. E sobre o personagem central: atavismo<sup>4</sup>, gnosticismo<sup>5</sup>, monstrosidade e heresia.

### **2.2 Antônio Conselheiro**

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em 1828 em Quixeramobim, CE, filho de Vicente e Maria Maciel. Quando jovem, “*era dado ao alcoolismo e valente como um leão...*” (ROCHA ALMEIDA, 1959: 359). Tinha problemas de surdez e por isso era tido como desconfiado. Era avesso a divertimentos. Cursou a escola primária e recebeu rudimentos de latim. Casou com uma prima que, após alguns anos de

---

<sup>4</sup> Reaparição, em um descendente, de certos caracteres vindos de um antepassado, e que não se haviam manifestado nas gerações intermediárias. Hereditariedade (Dicionário online de português).

<sup>5</sup> Sistema teológico e filosófico cujos sectários se arrogavam completo conhecimento da natureza e atributos de Deus (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa O Globo).

casamento, fugiu com um sargento do Exército, o que causou um desequilíbrio mental muito grande no marido traído. Na época, já tinha residido em Sobral e depois em Ipu. Envergonhado pela traição da esposa mudou-se para o Crato, hospedando-se na casa de um cunhado ao qual causou um ferimento durante uma briga entre os dois. Dali foi para a Bahia, a pé, chegando em 1864 a Itapicurú. Já desequilibrado, passou a ter uma vida de asceta, dormindo no chão duro, alimentando-se de cereais, esmolando e tentando doutrinar grupos de pessoas cuja ignorância explorava (ROCHA ALMEIDA, 1959: 539). Tendo conseguido reunir capangas, estes passaram a cometer excessos, o que causou a intervenção da polícia. Foi preso, juntamente com os 'sequazes' Estevão e José Manoel, tendo sido solto por falta de provas. A prisão aumentou o fanatismo dos que acreditavam nele. Penetrando o interior, dirigiu-se à região de Canudos, NNE da Bahia. Passou por Monte Santo, Cumbe, Bom Conselho, Massaracá e outras, fundando cemitérios e igrejas à custa do povo. Nessas localidades era comum entrar em confronto com os padres e vigários. No interior de Itapicurú fundou um povoado ao qual deu o nome de Bom Jesus. Passou a usar uma camisola de pano azul e um bordão. Não cortou mais o cabelo e deixou crescer a barba.



Conforme a Enciclopédia Barsa (Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., Rio de Janeiro, 1977, volume 4, p. 398) “*Seu aspecto físico, alto e macerado, aliado à pregação moral, despertava o misticismo popular; por onde passava construía capelas e reparava cemitérios; era comumente seguido por uma multidão de fanáticos*”.

Caracterizava-se Antônio Conselheiro pela altivez, soberba e provocação. Seus jagunços passaram a assaltar fazendas e perturbar a ordem pública (ROCHA ALMEIDA, 1959: 540). Em Bom Jesus passou a residir definitivamente, onde montou seu pequeno “domínio”. Mandou construir uma igreja maior que a anterior e que era uma verdadeira fortaleza. As janelas eram seteiras e as paredes eram bem mais largas que o normal.

Conforme Aristides Augusto Milton (A Campanha de Canudos. Brasília: Senado Federal, 2010) o “Conselheiro”, chamado também de ‘Bom Jesus’ pelos seus seguidores, “*não passava de um louco*” (MILTON, 2010, p. 14).

Este é o perfil do personagem central da Campanha de Canudos.

## 2.3 O Homem

### 2.3.1 Ambiente e Biotipologia

Euclides da Cunha, ao falar sobre a ‘gênese das raças mestiças do Brasil’ e sobre o ‘autoctonismo das raças americanas’ afirma, com base em outros autores, que o ambiente americano foi (ou é) um centro de criação desligado do grande

viveiro da Ásia Central. E que o silvícola é oriundo de *‘tipos evanescentes de velhas raças autóctones da nossa terra’* (CUNHA: 1963, p. 57).

Nada mais falso. Salvador Canals Frau em sua obra ***Prehistoria de America***. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1950<sup>6</sup>, deixa as coisas bem claras. O nosso ameríndio não é autóctone. Veio pelo Estreito de Behring, conforme transcrito de Frau por GIORGIS, Luiz Ernani Caminha, no jornal O Gaúcho n° 72, do Instituto de História e Tradições do RS ([www.ihtrgs.com.br](http://www.ihtrgs.com.br)):

*Conforme Frau, os primeiros habitantes (homo sapiens) do continente americano chegaram através do Estreito de Behring há 15 mil anos, aproximadamente. Na época Behring, chamada de Beríngia, ligava os continentes americano e asiático por terra firme quando, periodicamente, o nível do mar baixava até 200 metros. Em ondas sucessivas de migração ao longo do tempo, esses primeiros habitantes chegaram ao Alasca e depois foram se espalhando pelo Canadá, EUA, América Central, do Sul e, finalmente, o Brasil e o Rio Grande do Sul* (GIORGIS: 2009, p. 1).

Frau contraria também seu patrício Florentino Ameghino. Segundo este, o autoctonismo é a teoria pela qual a origem do homem americano teria início na Patagônia, com desdobramentos imediatos na Pampa e Pré-Cordilheira. Os primeiros habitantes da América seriam originários da própria América. Não foi isso.

No Brasil, as três etnias formadoras do tipo humano brasileiro, realmente entrelaçadas, ponto pacífico, originaram o mulato, o mameluco (ou curiboca), e o cafuzo. O mameluco originou-se da união do branco com o índio. Branco e negro trouxeram o mulato. Negro e índio originaram o cafuzo. Das três vieram miscigenações sucessivas. O mulato não era uma novidade, eis que já havia essa “junção” desde a Península Ibérica face à presença do negro entre os portugueses.

Destas miscigenações (com a etnia negra em menor grau) surgiu o sertanejo, adicionados os elementos clima e ambiente. Euclides da Cunha chama isso de *“meio físico diferenciador”* (CUNHA: 1963, p. 58). *“Curibocas puros quase sem mescla de sangue africano”* (Ibid, p. 83), afirma o mesmo autor que, mais adiante, referindo-se ao Brasil, salienta que *“Não temos unidade de raça”* (Ibid, p. 60), afirmação que, 110 anos depois, parece pueril. Mas o que é óbvio hoje poderia não ser na época, mesmo à luz de outros autores como Nina Rodrigues e, conforme Euclides *“a lei antropológica de Broca”*<sup>7</sup> (CUNHA, 1963, p. 58).

O nordeste divide-se, do litoral para o interior, em Zona da mata, Agreste e Sertão. Caracteriza-se o ‘Sertão’ pela criação de bovinos, caprinos e asininos. Também pela cultura familiar de feijão, milho, mandioca e cana. Esta última é a que fornece ao sertanejo a cachaça e a rapadura. Tudo muito precário em consequência da seca. Conforme Euclides da Cunha *“sertões exsiccados e bárbaros, onde correm rios efêmeros, e desatam-se chapadas nuas, sucedendo-se, indefinidas, formando o palco desmedido para os quadros dolorosos das secas”* (Ibid, p. 62).

Este conjunto de circunstâncias originou o sertanejo. Portanto, o determinismo geográfico serve, parcialmente, como critério antropológico, como enfatiza Euclides da Cunha.

Ao quadro de circunstâncias acima, é necessário adicionar a ignorância e a religião, o que será abordado durante o texto.

---

<sup>6</sup> Esta obra existe na Biblioteca Central da PUCRS.

<sup>7</sup> Paul Broca (1824-80), professor da Faculté de Médecine (França), consagrado como o fundador da antropologia moderna.

### **2.3.2 O biotipo relativo ao Nordeste do Brasil**

As condições climáticas e mesológicas em geral originaram no sertão da região nordeste do Brasil um tipo físico que desenvolveu uma fisiologia específica. Conforme Euclides da Cunha: uma *“fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função, e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado...”* (Ibid, p. 68). Ou seja, o clima extremamente seco, as elevadas temperaturas e, conforme deixou bem claro Gilberto Freyre em Casa-grande & Senzala: a deficiência nutritiva (FREYRE: 1961, p. 45).

Ainda conforme Euclides: *“A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico”* (CUNHA: 1963, p. 69). E em seguida: *“Não há um tipo antropológico brasileiro”* (Ibid, p. 74). Sem dúvida, não há mesmo. O Brasil é um mosaico étnico, uma colcha de retalhos no aspecto antropológico. É repositório de uma diversidade muito grande de etnias.

No vale médio do São Francisco, como destaca Euclides, formou-se um tipo humano descendente dos paulistas. E por ali permaneceu *“...Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins”* (Ibid, p. 83).

O seu relativo isolamento<sup>8</sup> o manteve livre de uma etnia superior e, assim, livre das mentalidades deformadas, das aberrações e dos vícios dos mais adiantados, inclusive das gentes do litoral, tão diferentes, e que neste caso, foram causas do antagonismo e do contraste que perdurou durante séculos e que talvez ainda perdure. *“O sertanejo do Norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”* (Ibid, p. 90). Etnia autônoma e original que forjou a sua própria cultura, conforme Cunha. E ainda:

*O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda<sup>9</sup> da sela... (Ibid, p. 94).*

Parece estar sempre fatigado o sertanejo, mas ao primeiro sinal de perigo ou incidente transforma-se radicalmente e adquire a característica que lhe reconheceu Euclides: um forte. Significa que tem consciência, forte estima própria e coragem.

A comparação com o gaúcho, feita por Euclides, baseia-se nas virtudes do meio físico do sul em contraste violento com a aridez do nordeste sertanejo. Ou seja,

---

<sup>8</sup> Euclides fala em caráter geral. A região de Canudos não é tão isolada do litoral (200 Km do litoral sergipano, em linha reta), considerada a época da publicação da obra. Está situada a 200 m acima do nível do mar e o rio Itapicurú assegura, naquilo que é possível, a ligação com o litoral baiano.

<sup>9</sup> Parte da sela sobre a qual assenta a coxa do cavaleiro ((Dic. Globo da Língua Port., 1995).

na carência do sertanejo, em comparação com a fartura do sul. Mais uma vez entra em cena o determinismo geográfico.

“...todo sertanejo é vaqueiro” (Ibid, p. 99), conforme Euclides, mas diferente do homem do sul, o vaqueiro sertanejo cuida do gado que não é seu. O seu patrão, geralmente latifundiário, vive no litoral, enquanto ele é “*um servo submisso [...] cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos...*” (Ibid, p. 100).

O professor Marçal Menezes Paredes, da PUCRS, interpretando Euclides da Cunha em **Memória de um ser-tão brasileiro** (Curitiba: Juruá Editora, 2002) deixa claro que “...o sertanejo, apesar de também ser mestiço, é autêntico, posto que se formou em função do meio...” e, citando o autor de Os Sertões: “*Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original...*” (PAREDES: 2002, p. 100)

Enfim, uma vida passada entre a seca, o gado, o cavalo, a carência, a crença mística, a fome, o calor, a ignorância, o isolamento e a caatinga.

### **2.3.3 Cultura e atividade do nordestino do sertão**

Na época da colônia, as tribos indígenas da região foram absorvidas pelos bandeirantes paulistas, surgindo assim os mamelucos (curibocas). Conforme Euclides: “*Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas...*” (CUNHA: 1963, p. 70). As “entradas” foram para a região à procura das “*minas de Moréia*”<sup>10</sup> (Ibid, p. 81).

Outro fator cultural foi a ação dos jesuítas. A Companhia de Jesus monopolizou a mão-de-obra do índio, da mesma forma que nas Missões do Sul, disfarçando isso “*com o privilégio da conquista das almas*” (Ibid, p. 72). Portanto a cultura religiosa na região NE, que demonstrou ser muito forte e capaz de fanatismos extremados, foi transmitida pelos padres inacianos. Não houve, ou foi muito pequena, a injeção cultural do afro.

Os povoados, vilas e cidades ao longo do São Francisco surgiram de “*antigas fazendas de gado*” (Ibid, p. 84), ao passo que os povoados sertanejos se formaram de “*velhas aldeias de índios*”, conforme Euclides da Cunha (Ibid, p. 85). As denominações dos locais tem origem tupi e/ou tapuia como, por exemplo, Cocorobó, Xiquexique, Maçacará, etc.

A soma étnica é bem clara: o bandeirante + o jesuíta + o vaqueiro. E, deste último, a “**fixação ao solo**” (Ibid, p. 80) foi o principal aspecto, fundamental para a compreensão da sua cultura e da sua atividade pastoril, que se impôs, oriunda esta das antigas sesmarias.

Neste quadro, criou-se uma sociedade que não tolerava intromissões das autoridades, isolando-se assim de influências alienígenas. “*Como que se criaram num país diverso*”, conforme CUNHA: 1963, p. 88. A carta régia de 07 de fevereiro de 1701 agravou o quadro, conforme Euclides (Ibid, p. 88), isolando ainda mais aquela parte dos sertões<sup>11</sup>.

Ao lado da cultura religiosa, nas horas dos ‘folguedos’, manifestação cultural nordestina, destaca-se o chamado “sapateado”. Conforme CUNHA (1963, p. 98), “*o estalo seco das alpercatas sobre o chão [...] acompanhando a cadência das violas...*”<sup>12</sup>. Existe também o samba, o xote, o baião, o xaxado e os cateretês. Este

<sup>10</sup> Belchior Dias Moreira (Moréia) (1540-1619), bandeirante brasileiro (wikipédia).

<sup>11</sup> A Carta Régia de 7 de fevereiro de 1701 proibiu o comércio da Capitania de São Paulo com a da Bahia, não consentindo que de suas minas se transportassem gados e outros mantimentos (www.mandicuera.com).

<sup>12</sup> Esta dança deve ser a chamada **Coco**, difundida por todo o NE. É dança de roda ou de fileiras mistas, de conjunto, de par ou de solo individual. Um vigoroso sapateado denominado “tropol” ou “tropé” produz um ritmo que se ajusta àquele executado nos instrumentos musicais (www.poemia.wordpress.com).

último inclui também o sapateado. Em PE, especialmente, mas difundido em todo o NE, existe o “forró”, baile popular cujo nome vem da palavra ‘forrobodó’.

Fazem parte da cultura nordestina também as vaquejadas e as feiras de gado, onde diversas manifestações culturais aparecem, inclusive na culinária. Neste caso, Euclides da Cunha destaca a “umbuzada”, prato feito de jirimum (abóbora) com leite (Ibid, p. 105).

Uma cultura simples, mas rica, de predominância religiosa, que se caracteriza pelo misticismo extravagante, messianismo, superstições, lendas, rezas, benzeduras, profecias, romarias, atavismo, penitências, antropismo<sup>13</sup> indígena, animismo, atavismo, culto aos mortos, festa ao falecimento de uma criança, etc.

Na verdade, o misticismo religioso dos sertanejos foi uma “saída para a miséria”, e “A fome os unia”, conforme SILVA et BASTOS (1983, p. 214).

Conforme Euclides da Cunha existia também no sertão uma esperança messiânica, que talvez explique a devoção obtida por Antônio Conselheiro em Canudos.

#### **2.3.4 A figura central de “Os Sertões”: Antonio Conselheiro**

Antônio Conselheiro era “um beato que pregava a salvação para quem o seguisse” (SILVA et BASTOS: 1983, p. 214). Fixado em 1893 no Arraial de Canudos, Conselheiro conseguiu reunir, em três anos, 20 mil habitantes no local (Ibid, p. 214). A segurança era realizada por jagunços e cangaceiros. Conselheiro usava um tipo de “religião rústica”, messiânica, mantendo os sertanejos sempre na esperança “de dias melhores” (Ibid, p. 214). Divulgava a idéia-força de fundar um império teocrático, por lógico independente, que seria chamado de “Império do Belo Monte”.

Antônio Conselheiro não foi o único líder messiânico no NE. Outros houve, menos conhecidos por não terem levado seu fanatismo e seus fanáticos a consequências tão graves como o beato Antônio.

Muitas são as referências de Euclides da Cunha sobre o ‘messias sertanejo’. Usando um termo da medicina: “uma diátese<sup>14</sup> e uma síntese”, como destaca na página 120, deixa claro que Conselheiro reuniu tudo de ruim que existia na região. E sintetizou tudo em si mesmo. E mais, que Antônio Maciel usou de um “misticismo feroz e extravagante” (CUNHA: 1963, p. 120), tendo sido exitoso em sua ação já que o povo o compreendia e “aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas” (Ibid, p. 121). Conclui que o mesmo era um doente de “paranoia” (Ibid, p. 121). Entre outras características enfatiza Euclides que o nosso personagem principal usava de um gnosticismo bronco para convencer as pessoas e que tinha realmente uma degenerescência intelectual.

Espécie de “grande homem pelo avesso<sup>15</sup>”, Antônio Conselheiro “viu a República com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis” (Ibid, p. 141, 142). Procurando definir melhor o quadro psicológico, Cunha diz que a mulher do mesmo, que o traiu, “desequilibraria uma vida iniciada sob os **melhores**

---

<sup>13</sup> Antropismo (*do grego: antropus + ismo*) é a escola de pensamento filosófico que consiste no estudo dos princípios que consideram o homem contrário a toda natureza e semelhante a Deus. Não deve ser confundido com “antropia”, que tem significado diferente ([www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)).

<sup>14</sup> Diátese é a predisposição do organismo para ser atacado de várias doenças locais da mesma natureza (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa O Globo).

<sup>15</sup> Conforme os conceitos de Augusto Comte, Conselheiro seria um “anti-herói” pois era contrário à República. Adeptos do Romantismo, como Euclides, referem-se à Conselheiro dentro da concepção de ‘herói’.

**auspícios**<sup>16</sup>” (sic) (Ibid, p. 128). E que em profecias divulgadas ao povo deixava transparecer que era um adepto do sebastianismo português: “...das ondas do mar D. Sebastião<sup>17</sup> sahirá com todo o seu exercito” (Ibid, p. 137). Portanto, a vocação de Antônio Conselheiro era essencialmente monárquica e anti-republicana.

Em resumo, Antônio Vicente Mendes Maciel usou de sua superioridade e ascendência intelectual, pelo pouco que sabia, e de uma certa facilidade de dirigir-se oralmente ao povo simples e ignorante para pregar suas ideias e conquistar adeptos contra a nascente República e contra o poder dos latifundiários.

### **2.3.5 Canudos: a reunião dos fatores**

Conforme os historiadores Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos no livro História do Brasil (São Paulo: Ed. Moderna, 1983, p. 212/215) fatores importantes contribuíram para o quadro de circunstâncias que caracterizou e acarretou a tragédia de Canudos. Eis alguns fatores e características:

- foi o problema mais grave do governo Prudente de Moraes;
- foi o maior movimento nordestino de resistência à opressão dos latifundiários;
- foi um movimento que refletiu a extrema miséria em que viviam as populações marginalizadas dos sertões;
- Canudos foi uma comunidade onde não existiam diferenças sociais e os rebanhos e lavouras pertenciam a todos. Era um sistema comunitário;
- este modelo atraiu milhares de sertanejos para o arraial de Antônio Conselheiro, que era a “terra prometida”. Para os padres era um reduto de fanáticos assassinos;
- com Canudos, a Igreja perdeu seus adeptos e os latifundiários a sua mão-de-obra barata;
- atacando Canudos o governo resolveu “atender” aos interesses da Igreja e dos proprietários de terras;
- não foi um fato isolado, pois estava ligado às condições econômicas do NE;
- com a grande seca de 1877/79 grande contingente de nordestinos migrou para a Amazônia, o que acarretou a carência de mão-de-obra no NE;
- em um quadro de miséria, subnutrição, hostilidade geográfica e exploração os sertanejos formaram grupos de cangaceiros e jagunços e outros se uniram a líderes messiânicos;
- o misticismo religioso foi uma saída para a miséria;
- embora não confirmada a hipótese (ela teria sido “plantada” na mídia da época), quem teria armado e municiado os sertanejos foram grupos anti-republicanos do centro do país.

Conforme CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, v. VI, p. 2015/2025, razões políticas contribuíram para as intervenções armadas em Canudos, inclusive suspeição sobre o governador baiano Conselheiro Luís Viana, de que este estaria apoiando Canudos, o que se revelou totalmente falso, mas impeliu Viana a resolver a situação. Na verdade, este havia herdado de seu antecessor Rodrigues Lima o pesado encargo.

Como Canudos foi uma afronta à novel República era necessário eliminá-la.

A luta foi maior dada a resistência dos sertanejos fanáticos de Antônio Conselheiro. Foram necessárias cinco expedições, sendo a primeira realizada pela Força Pública da Bahia, sem a participação do Exército. O principal problema das forças militares era o abastecimento da tropa. Somente quando isso foi resolvido

---

<sup>16</sup> Grifo meu.

<sup>17</sup> Rei português desaparecido na Batalha de Alcácer-Quebir, no Marrocos, em agosto de 1578. Seu corpo nunca foi encontrado, o que gerou um sentimento místico-secular entre os portugueses.

pelo porto-alegrense Marechal Carlos Machado Bitencourt foi possível vencer. Muitos ensinamentos políticos e militares foram colhidos. Entre estes, a necessária integração do interior do País e a reformulação da doutrina militar terrestre, principalmente no aspecto logístico.

Assim, miséria, fome, carência, ignorância, messianismo, isolamento, latifúndio, misticismo religioso, abandono pelas autoridades, grupos armados, liderança carismática, etc. formaram a receita para a reação de Canudos contra as expedições a si dirigidas.

No fundo, Canudos defendeu-se. E não se rendeu. Era uma guerra santa. Para os que morressem o prêmio era o reino dos céus. *“Os jagunços não temiam as balas; numa superstição conhecida, tinham como aviltante morrer a arma branca”* (CALMON, 1959, p. 2024).

Conforme Calmon em relação a Canudos: *“Tê-lo iam destruído sem nada disto. Se em vez de tropa mandassem justiça, medicina, religião, escola”* (Ibid, p. 2024).

Algo parecido ocorreu na região sudoeste do Paraná e Santa Catarina de outubro de 1912 a agosto de 1916, inclusive com a participação de líderes religiosos. Foi a Revolta do Contestado, a última do ciclo de lutas civis no Brasil.

## 2. CONCLUSÃO

Conforme Euclides da Cunha Canudos foi *“exemplo único em toda a História”* (CUNHA: 1963, p. 463), dada a resistência dos sertanejos fanáticos em torno de seu líder. Mas Euclides não sabia que ainda viria a Revolta do Contestado.

Segundo a opinião de Aristides Milton foi um *“Movimento mal inspirado, sugerido por um fanatismo irreprimível”*, e que *“teve a sorte que mereceu”*. E que *“foi em todo o caso uma cruel fatalidade”* (MILTON: 2010, p. 147).

Canudos foi um grande sacrifício de vidas e de recursos que devia servir de lição para que nunca mais ocorresse. Mas estava se tornando um estado dentro do estado e um enclave perigosíssimo, pois poderia se alastrar e ‘contaminar’ outras regiões vizinhas. Houve açodamento em resolver logo o problema belicamente, o qual deveria ser tratado como uma questão social.

Das cinco expressões do poder nacional: política, psicossocial, econômica, militar e científico-tecnológica, a nascente república optou pela menos indicada, a militar, deixando a psicossocial relegada.

Foi um tipo de guerra irregular, assimétrica, de guerrilheiros (os jagunços) conhecedores do terreno como ninguém. E com todo o apoio da população. Somente uma expedição de maior envergadura resolveria.

O ‘homem’ de Canudos foi levado ao extremo. Já vivia em situação quase extrema pela carência de tudo. Por fanatismo chegou ao limite máximo: a morte.

Governo e povo comemoraram a vitória do governo em Canudos mas, nota destoante, os estudantes da Faculdade Livre de Direito da Bahia manifestaram-se contra tudo o que aconteceu, referindo-se em documento ao *“cruel massacre”*, à *“jugulação dos míseros conselheiristas”* e que *“aquelas mortes pela jugulação foram, pois, uma desumanidade sobreposta a flagrante violação da justiça”* (Ibid, p. 144).

De tudo isto, o fator humano (o homem) avulta de invulgar importância, mercê do que representou a saga sertaneja no processo. Fosse o homem sertanejo de Canudos menos fanatizado, talvez nas primeiras investidas o poder da autoridade o sensibilizaria ao não derramamento de sangue. Mas foi o contrário.

Ainda assim, parece não haver dúvida de que a reação das autoridades foi desmedida, embora crescente em face da resistência dos sertanejos.

Canudos foi um estado dentro do Estado. As leis ali não valiam e não eram respeitadas. E o movimento rebelde poderia se alastrar e ficar fora de controle.

De qualquer forma, a solução pacífica teria sido a melhor.

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha tentou fazer, em prosa, e conseguiu, uma obra tão magnífica quanto foi, em sentido inverso, a irracionalidade, a radicalização e a brutalidade em Canudos.

### **Bibliografia**

- CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1959.
- CUNHA, Euclides Rodrigues da. **Os Sertões**. Brasília: Editora UnB, 1963, 27ª ed.
- ENCICLOPÉDIA BARSA. Verbete Conselheiro, Antônio. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Ltda., vol. 4, p. 398, Ed. 1977.
- FREYRE, Gilberto de Mello. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, 10ª Ed., 2 vol.
- GIORGIS. Luiz Ernani Caminha. **O primitivo povoamento da atual área do Rio Grande do Sul** in jornal O GAÚCHO nº 72. Porto Alegre: IHTRGS, 2009, (www.ihtrgs.com.br).
- ROCHA ALMEIDA, Antônio. **História do Brasil**. P. Alegre: PUCRS, 1959, 3º vol.
- MILTON, Aristides Augusto. **A Campanha de Canudos**. Brasília: Senado Federal, 2010.
- SILVA, Francisco de Assis et BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1983.

### **Fontes eletrônicas**

[www.passeiweb.com](http://www.passeiweb.com)

[www.mandicuera.com](http://www.mandicuera.com)

[www.poemia.wordpress.com](http://www.poemia.wordpress.com)

[www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)